

## Espaço aberto

17 JUL 1988

FERNANDO PEDREIRA



O duque de Broglie (pronuncia-se Brêil com acento no ê e erre carregado) era um homem ilustre que, ao longo da vida, se correspondeu com as mais eminentes figuras da Europa. Certa vez, alguém lembrou-se de perguntar-lhe, dentre tantas cartas que havia recebido, qual lhe parecia a mais significativa, a mais importantes. O duque pensou um pouco, e respondeu: "A mais importante, não sei. Mas a mais bela de todas foi com certeza a carta que recebi de uma jovem senhora, lindíssima, e que continha apenas uma única palavra: sábado".

A arte da eloquência tem seus mistérios e seus encantos, mas também, tanto quanto o próprio universo do doutor Einstein, seus limites extremos. Um desses limites parece bem exemplificado na missiva da gentil correspondente do duque de Broglie: "Sábado". Não é possível ir mais longe, em matéria de economia de meios.

Já o limite oposto de eloquência pode ser encontrado, onde? Talvez no discurso dos políticos e, muito especialmente, em exemplares da subespécie nordestina. O camarada Gorbachev, por exemplo, na recente conferência do PCUS, em Moscou, falou durante seis horas e meia. Mas o camarada tinha, na verdade, muito a dizer, pois devia referir as extensas mazelas do socialismo e da URSS, e os meios práticos de corrigi-las.

O mesmo já não se pode alegar em benefício do nosso presidente José Sarney na conferência sobre desarmamento, a que compareceu em Nova York, e ainda agora no seu movimento périplo chinês. São ossos do ofício. O presidente não tinha, a rigor, nada a dizer, mas devia falar. E falou, com a sua costureira e bem conhecida eloquência acadêmica.

"Navegar é preciso", diz o verso do poeta português Fernando Pessoa, retomando a lição dos romanos antigos. Navegar é preciso, viver não é preciso. O presidente gosta de viajar (já em outubro vai à Portugal, Arábia Saudita e União Soviética), e gosta de fazê-lo oficialmente, com a pompa e a retumbância a que tem direito, por força do cargo que exerce.

Chegado a terras estranhas e recebido com fanfarras, não ficaria bom que não falasse. No caso de Nova York, por exemplo, tratava-se, além dos mais, de uma conferência. Como ir a uma conferência, e não conferir? O tema era o desarmamento e a verdade é que os urutus e cascavéis da Engesa, e os foguetes da Avibrás, já nos dão alguma autoridade moral e material para tratar do assunto.

Sabe-se, por exemplo, que, em negociações prévias, sigilosas, o chanceler Sodré havia proposto ao seu colega do Quai d'Orsay um pacto de cavalheiros: se a França desistisse de fornecer exocets aos seus freqüentes do Oriente Médio, o Brasil comprometia-se a fazer o mesmo com os seus urutus. A proposta malogrou (e o discurso do presidente perdeu, com isso, alguma substância), mas não é difícil imaginar que um pacto como esse, apesar do seu limitado objetivo, poderia, se concretiza, desencadear um benefício movimento de contenção do comércio mundial de armas.

O presidente, pois, deve falar, embora não tenha muito a dizer (e nem autoridade bastante para tratar dos assuntos de que trata). Talvez por isso ele prudentemente leva, em suas viagens, a platéia de que precisa. No caso da China, dois Boeing 707 (obsoletos), com uma comitiva de 150 pessoas. Muito poucas vezes, na própria Academia Brasileira de Letras, um orador consegue audiência tão nutrida e viajada.

## O herói de Roma

"As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá", observou o vate maranhense Gonçalves Dias na sua imorredoura Canção do Exílio. Certamente, ao falar nas frias paragens do Hemisfério Norte, o presidente sente-se encorajado pela lembrança desse verso do seu coetadano ilustre, pois a verdade é que há, no discurso do brasileiro (ainda mais no do nordestino), um calor, uma exuberância e um colorido que não se encontram em outras terras.

Na China, terra do Confúcio e Lao-tse, o presidente levou sua eloquência até os cultivados campos da especulação filosófica: "Ensina a História", observou ele, "que os países, ao enriquecer, tornam-se avarentos". "Sábias palavras, cuja lição talvez pudesse ser invertida com grande proveito para o próprio orador e seus ouvintes.

Pois a verdade é que há países que não enriquecem porque não são avarentos, isto é, porque seus governos, em vez de gerir com prudência o produto do suado esforço nacional, dilapidam-no em centenas de milhares de nomeações desnecessárias e ilegais em tolas e repetidas viagens pelo planeta, em obras faraônicas, e em favores e proteções sem conta aos seus amigos e apaniguados.

É do próprio Confúcio, aliás, uma sábia lição que certamente aproveitaria ao viajante. "Para o povo", ensina o mestre chinês, "um governo injusto, que gasta demais e cobra dos cidadãos tributos escorchantes, é pior do que um bando de tigres famintos". Que tributo pode haver mais injusto e mais iníquo do que uma inflação de 20% ao mês?

Mas as viagens do governo, afinal, não devem ser medidas apenas pelo que revelam ao mundo da oratória e da sabedoria maranhenses. Em Roma, por exemplo, num calorento dia de sábado (ainda o sábado), em plena piazza Navona, um dos mais próximos auxiliares do chefe do governo (qual deles teria sido?) avançou com todos os fogos acesos sobre uma gentil representante das cores lusitanas.

É sabido que, em muitas embaixadas brasileiras, nos dias ditos úteis, o pessoal descansa de manhã e não trabalha à tarde. Aos sábados, então, pode-se bem imaginar quão tranquilas e modorrentas serão as salas do Palácio Doria Pamphili, iluminadas pela história e aquecidas, nestes dias de julho, pelo dourado sol das tardes romanas.

É pena que o entusiasmo cívico desse auxiliar do presidente, disposto a pôr a nu todas as verdades numa simples entrevista vespertina, não se possa transmitir ao governo inteiro e, sobretudo, não se erga, não na piazza Navona, mas na praça dos Três Poderes, diante do buraco do déficit público e da inflação escancarada que ameaça engolir-nos a todos.

Quando menos, se não desse para os grandes problemas da pátria, o ardor do herói de Roma podia voltar-se para Brasília, a bela capital do Planalto. Depois de três anos sob o governo José Aparecido, a cidade está hoje preparada para o que der e vier.

Sarney viaja mais do que o papa. O Itamaraty tem tradições ilustres, mas desse nobre passado pouco resta. Com suas residências principescas instaladas nas grandes e pequenas capitais do mundo (três em Genebra, três em Londres, cinco nos Estados Unidos, duas em Paris, duas em Roma e mais duas na Bélgica, além do resto), o Itamaraty tornou-se hoje, sob Sarney, certamente a mais luxuosa, a mais cara (e a mais ridícula) agência de viagens do mundo.

Luxuosa para os que vão. Cara para os que ficam (e pagam a conta). E ridícula nessas repetidas exhibições da jequitice da nossa corte presidencial, diante do numeroso público externo.

Haja moeda forte

Fernando Pedreira é jornalista e ex-redator-chefe do Estado e do Jornal do Brasil.